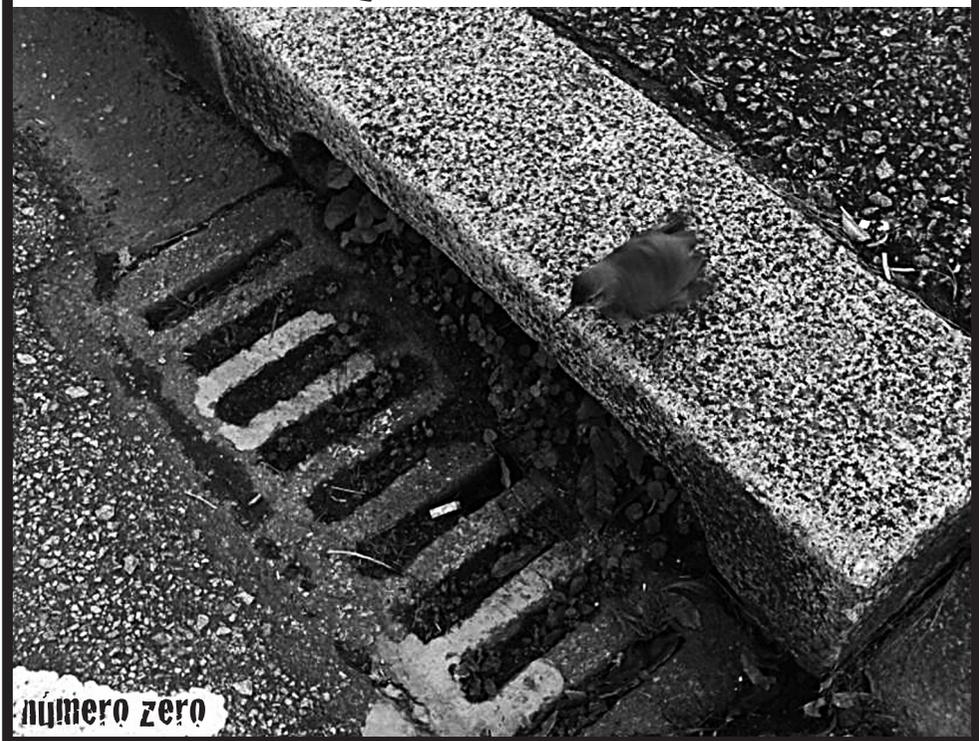


FALA QUEBRADAS!



número zero

3

• EDITORIAL

4

• Estamos aqui

JANAINA TAVARES

5

• Ratos e urubus:
larguem minha fantasia

CARLO ALEXANDRE

7

• Pique Pedra

JANDIR JUNIOR

9

• Feliz Cidade

ORLANDO RANGEL

10

• Rio de lágrimas

VALÉRIA BARBOSA

• Olhares Inversos

DENISE KOSTA

11

• Cidade sem Flores

ROGÉRIA REIS

13

• Madureira-Copacabana
pelo preço do ônibus

CRISTINA HARE

14

• A Cidade é um Rim

FELIPE BOAVENTURA

15

• Fragmentos de gente

TÁSSIA DI CARVALHO

16

• Dai-nos Hoje

VITOR AÇALANTO

19

• Uma outra Cidade

LUCIANA OLIVEIRA

20

Redentor, eu

TERESA GIL

21

A Comida da Cidade

MÁRCIO RUFINO

Editorial

Bem vindo a primeira edição da FALA QUEBRADAS!

É com imenso orgulho, dedicação e alegria que essa publicação chega até você!

O diferencial da FALA QUEBRADAS! é a visibilidade que ela dá para narrativas de quem circula na cidade e não é um profissional do livro; autor, editor, etc. Tornam-se escritores por narrar esse deslocamento, esse olhar sobre a cidade que tanto que atravessam, são por ela atravessados.

A FALA QUEBRADAS acredita na troca de saberes e que esta produção de conhecimento gera práticas culturais, e por isso se coloca como uma ExperiênciaAção em literatura. Por isso aqui você encontrará contos, crônicas e poesia, porque mais importante que o gênero é a vivência com a escrita, copidesque, edição e publicação.

A Cidade é o assunto da FALA QUEBRADAS! tanto para sua escrita e produção como para sua circulação. Estaremos pela cidade de forma digital e impressa, em saraus, centros culturais, clubes de leitura, como também na internet.

A primeira edição da FALA QUEBRADAS! teve como mote a escrita de “uma receita para a cidade”. Por duas semanas os participantes da FALA QUEBRADAS! produziram textos receitando temperos, visitas, olhares; falando da saudade de uma cidade que fica dentro da gente, jogando pedras, indo de Madureira para Copacabana.

A publicação que tem em mãos foi idealizada, escrita, editada e publicada em um mês (de 25.03.14 a 29.04.14) o que foi possível graças aos meios tecnológicos hoje disponíveis, como a edição feita via nuvem de dados.

Obrigado a Universidade das Quebradas por nos permitir essa experiência por nós mesmos. Um grande salve e agradecimento para toda a equipe da FALA QUEBRADAS! Conseguimos galera! Tá aqui! Obrigado a todos os Quebradeiros! A todos os amigos e a você que nos lê, obrigado.

Esperamos que deguste bem a FALA QUEBRADAS! bem como as receitas presentes aqui e nos mande notícias, afinal, na cidade tudo é uma construção.

Com alegria,

Felipe Boaventura

Estamos Aqui

4

Janaina Tavares

[1ª parte]

A Baixada nas telas. Nos poros. Na boca. No peito. Guardamos cansaço, agitação e madrugadas nas olheiras do tempo. Descansamos os ouvidos e escutam com carinho a experiência do fazer. Pipoca e Guaraná Natural. Os verdadeiros permanecem do seu lado. E o que transforma, sobrevive ao caos. Que as estrelas que se desprendem do céu e iluminam nosso chão, não cortem nossos pés nesta longa caminhada. É sempre o porvir. Converso com eles como se fosse um reencontro. Me sinto em casa, no sofá e nas buscas. É o pertencimento tão falado nas Academias e pouco vivido. Mas nós nos sentimos pertencidos. E não arredamos os pés daqui. E nessa rede de encontros, conexões e sonhos, as lágrimas nos olhos lavam toda a tristeza e pessimismo. Existe algo além. Somos mais. E não estamos sozinhos. Nunca pensei viver um momento como esse. E nunca saberei como agradecer a Luana Pinheiro e ao Diego Bion pela oportunidade de não só estar no ODEON, mas de estar representando as incríveis mulheres poetas de nossa cidade. De me sentir acolhida e reafirmar convicções e vontades. De sentir a solidariedade dos amigos. Estaturas tão pequenas e tanta força e persistência. 'Faça você mesmo'. Autonomia. Dignidade. O novo que traz esse gás, essa esperança, a ação, o sorriso estampado, as improvisações, a leveza. Vida longa aos Movimentos Culturais da Baixada. Vida longa ao Cineclubes Buraco Do Getúlio!

[2ª parte]

Estamos aqui. Não pense que por não poder estar em outro lugar. Podemos ocupar todos os espaços que quisermos dos campos à Academia. Estamos aqui porque não sabemos como estar do outro lado, o lado contrário de nossos buracos, subjetividades, túneis, porões e praças. Estar aqui é saber que não há espaço para vaidades e mentiras. Construções de castelos em cima do barraco na beira do rio. É incoerente e injusto, cantar algo que não se vive, escrever sobre o que não se sente. Repito, estamos aqui, quer queiram ou não. Tantos antes emudecidos reaprenderam a falar e por si mesmos. Estamos aqui. E somos a vendedora de vestido de noiva. O dono antipático do bar. A ambulante Francisca que gosta de Carlos Drummond. O gari. A diarista. O catador de papelão. Catamos restos. E sonhos. Estamos aqui fora. Nas ruas. De sol a sol. E por mais que estejamos agora, dentro das Academias, sendo falados por bocas com hálito de enxaguante bucal, somos sujos, fedidos, incomodados e assustados. Não por "feitura", mas por grandeza e atitude. É o corte na alma. As passarelas. A panfletagem. A pirataria. E não a sala de aula com ar-condicionado. Os protagonistas agora são dos altos, dos morros e das baixas, de agudo às santas. 'Caminhar juntos?' Sim, mas que seja além dessa Literatura Comparada. Que seja debaixo do sol, que seja na rua, no vivenciar. Estamos aqui e não iremos embora. Porque viemos no mínimo pra incomodar.

• *Janaina Tavares é poeta, Quebradeira da 4ª edição.*

Ratos e Urubus: larguem minha fantasia

Carlo Alexandre

Uma parábola e tanto esta da Cidade Maravilhosa maravilhosamente suja, resultante de uma remuneração nos limites da humilhação dos garís cariocas. Não me lembro em toda minha vida, ter visto ou ouvido falar de uma situação como a que está vivendo o Rio de Janeiro.

Mas, para além disso, foi muito educativo assistir as reações dos cidadãos das diversas classes e esferas da sociedade, quase todas provocadas ou geradas das recorrentes narrativas e estratégias de manipulação implantadas nos principais sistemas de comunicação. O que já não surpreende mais ninguém: desde a primeira fala incriminam, julgam e punem sumariamente os garís, acusando-os de chantagistas aproveitadores da ocasião festiva. Um jornalista chapa branca diz que os grevistas são minoria e que são uma ameaça aos não grevistas; corte para a fala pelega do presidente do sindicato dos garís que com a voz insegura e titubeante de um fantoche, diz suspeitar que o PSOL e o PR estão envolvidos. Em poucos segundos, colocam a imagem de M. Freixo alegando que de nada sabe das relações do seu

partido com os fatos, mas que não vê nada demais diante das possíveis relações político partidárias dos garís. Por fim, de forma dramática entra em cena nosso Prefeito, encarnando o personagem revoltado de sempre e por sua vez jogando duro – como de costume, numa só canetada demite mais de 300 garís de uma vez – mas recua um dia depois ao ser aconselhado que mais uma vez agiu sem ajuda dos poucos neurônios que lhe restam. Bem, no último “clack” magistral e bem pensado da telinha da nossa emissora oficial, uma senhora passa por um monte everest de sacos pretos molhados da chuva e se limita a tapar o nobre nariz empinado para não “encarar” o cheiro que ela mesma produz. A intenção de tanto trabalho televisivo era que o gari virasse (injustamente) inimigo número um da população. Mas a tentativa não rendeu, porque os garís, sob apoio popular, trinfaram sobre prefeito ganhando o maior reajuste na esfera municipal em décadas!

Dessa história, outra coisa que tem a ver com a sociedade, vale ser ressaltada: a visão em mega escala materializada e fétida, do que nós

humanos da metrópole somos capazes de descarregar no êxtase consumista durante pouco menos que uma semana ou para ser mais direto: durante nossa festa maior, o carnaval! A celebração da carne, que ano após ano tanto conseguiu subverter e deturpar no pior dos sentidos, transformando-a numa exaltação ao desperdício e a insustentabilidade. Basta assistir ao desfile das grandes escolas. É insano! Seria muita ingenuidade culpar a festa de Dionísio, Bacco ou nosso Exú, que em última instância não deveriam ser julgados como os algozes do problema. Mas foi, coincidentemente ou não, na festa devotada a eles, o carnaval carioca, que a merda foi jogada no ventilador. Explodiu! Desencadeada pela estratégia dos garis ao realizarem a greve em plena folia. Que ideia brilhante! Porque não fizeram isso antes? Teriam se inspirado na Ucrânia ou nos Black Blocs?

Em consequência desse fenômeno, ficou escancarado o quanto todos nós produzimos compulsivamente sacos plásticos, caixas de papelão, papel, alumínio para nenhum catador de latinhas reclamar e milhares de litros de urina derivada das cervejas, transbordando dos banheiros químicos, escorrendo das árvores, muros e cantos de toda a cidade. Uma festa dantesca e que acredito milhares no Rio de Ja-

neiro puderam testemunhar, mesmo em anos anteriores. Foi simplesmente a visão do belo e do feio, juntos e sincronizados pelo samba, numa subversão de proporções nunca antes vista nesta cidade. Nem mesmo quando Joãozinho Trinta, causador da grande controvérsia do carnaval da Beija-Flôr de 1989, desfilou na avenida o seu: “Ratos e Urubus, Larguem a Minha Fantasia”. A meu ver uma iluminada ode ao *non sense* que se transformou o Carnaval! O carnavalesco deve estar agora delirando e sambando com o macacão laranja dos garis, como fez na época!

Faço fé que no carnaval de 2015 seja o carnaval onde os Garis desfilem como heróis encarnando o enredo de alguma Escola de Samba, como exemplo de dignidade ética para o Brasil. Que o “Sorriso”, aquele gari carioca emblemático e poético, saia como destaque principal. Que todos nós, cidadãos acordemos de hoje em diante e a cada dia, mais reciclados e prontos para ariar as nossas mentes, para que nas próximas eleições, os políticos por nós eleitos (estes sim deveriam estar limpando as ruas, porões e esgotos deste país) não permitam mais que isso aconteça no Rio de Janeiro ou em qualquer cidade do Brasil.

• *Carlo Alexandre é capoeirista,
Quebradeiro da 4a edição.*

Pique Pedra

7

Jandir Junior

A dor de sentir meu dedão to-pando em uma pedra nunca foi maior que a dor em perceber que qualquer pedra deslocada, removida de um lugar a outro por qualquer humano que seja, constitui em si um jogo, que aqui chamo pique-pedra. Não que isso em si seja algo de terrível, particularmente adoro jogar, seja para brincar ou para competir. O problema, ou melhor, o meu problema neste jogo é o desagradável lugar que ocupo nele.

Já nasci desprivilegiado na hierarquia dos deslocamentos de pedras pela cidade. Observo os calçamentos em pedra portuguesa em que piso cotidianamente e só consigo pensar que triste fim para uma pedra foi esse, em que infeliz ideia foi essa a de jogar pique-pedra dessa forma, transformando em chão essas pedras, tão potentes, tão bonitas... Também observo aqueles que se aproveitam das pedras portuguesas que saem das calçadas, deslocadas pelo tempo e intempéries, e as capturam, transformando-as

em amuletos para si. Estes, que então as guardam em suas bolsas e mochilas, tornam-nas objetos de adoração e contemplação estética individual, nada mais que isso. Apesar da subversão que operam no pique-pedra ao deslocar as pedras portuguesas de seu lugar na calçada, a opção ainda não me agrada justamente por seu caráter individualista. Eles pouco colocam problemas ao gesto de quem colocou as pedras lá na calçada. Afinal, quem vai notar a diferença de uma pedra a mais ou a menos no chão? O problema do indivíduo que pega a pedra para si está resolvido, que tem naquilo seu amuleto. Mas o problema social de todas aquelas pedras concretadas no chão não.

Também pudera. A maioria de nós mal se dá conta que jogamos a todo o momento o pique-pedra. Aposto que mesmo você que lê esse texto nunca havia percebido isto. Já se deu conta de que toda pedra que você desloca, que você chuta no chão, que você pega e passa deste lugar a aquele já

está nesse jogo, já que está em relação à outra pessoa que será invariavelmente afetada por essa mudança? E até mesmo quando você pensa numa pedra e muda seu significado, quando você a faz de amuleto, quando você a faz funcional, a transforma em calçada ou em edifício, será que nem nisso se torna absolutamente perceptível o jogo, o pique-pedra? Aliás, pique-pedra é um nome bobo que criaram para poder falar de forma mais fácil deste jogo, tanto que suas regras e sua natureza ainda são para mim inapreensíveis. Quantos já participaram do jogo? Há quanto tempo este acontece? Qual a qualidade de cada gesto que acontece no pique-pedra? Não sei. Só sei que mal sabemos sobre o jogo. Ou melhor, vocês mal sabem. Eu sei, ainda que pouco. E escolhi jogá-lo conscientemente numa manhã dum dia de semana qualquer.

A incômoda calçada de pedras portuguesas foi quem permitiu me engajar. Observei uma destas pedras soltas e a peguei. Seu tamanho era bom, cabia na palma da minha mão de forma que eu não a conseguia fechar

por completo. Abriguei-me atrás de um poste e aguardei qualquer veículo passar. No momento certo arremessei o pedregulho em cheio na vidraça da porta de um ônibus que estava lotado. Facilmente aquilo se tornou um rebuliço. As mulheres e homens gritavam palavras de ódio contra o moleque terrorista que atentava contra a vida deles, contra a rotina, contra o que nem mesmo sabiam. Eu, na condição do que era absolutamente rechaçado por aquela multidão revoltosa, sabia claramente que eles não gritavam contra o que pensavam opor, mas simplesmente se indignavam pela subversão da funcionalidade da pedra portuguesa e pelo empoderamento da criança, não mais inocente, mas pura potência atentatória contra o que eles eram no jogo: passivos.

Sorri e corri ainda sob os gritos de ódio contra mim, pensando em como era ótimo tirá-los daquela passividade cotidiana no pique-pedra e em como um deles, ao menos, um dia, poderia escrever sobre o que fiz.

• *Jandir Junior é artista visual, Quebradeiro da 4ª edição.*

Feliz Cidade

9

Orlando Rangel

A cidade não vive sem pessoas
A cidade não respira sem jardins
A cidade não vive sem bom senso
A cidade não precisa de mastins
A cidade precisa ter fundação
A cidade precisa ter fundamento

Vive de sua história
Produz o seu fomento
A cidade não vive sem janelas
Estrutura-se no mobiliário urbano
Não vive sem água potável
Planejamento no cotidiano

Quanto à forma, uma cidade pode ser geométrica
Mas só vai adiante nas curvas dos seus habitantes
Uma cidade precisa de muita luz
Precisa ter bom lastro
A cidade vive de bom transporte
E dos seus passos e compassos

Cidade feliz tem mais escola do que cadeia
Mais livros que academia
Mais confiança que sujeira
Mais contribuintes que polícia
Não respira com arames e grades
Uma cidade não vive de malícias

Espalha sua feli(z)cidade -
Onde todos são bem-vindos
Uma cidade não precisa ter coração de aço
Basta que seus imóveis tenham espaço
Não precisa ter coração de pedra
Basta que sua fé seja a que não medra
Que sua população tenha moradia
Que o acolhimento seja de respeito
Esperança e fé no dia a dia

• *Orlando Rangel é poeta,
Quebradeiro da 3ª edição*

Rio de Lágrimas

10

Valéria Barbosa

Há fogueiras acesas por todos os lados,
Raios cortando sentidos e um ar de temor instalado
nos quatro cantos de um Rio.
Rio incapaz de apagar um fogo de opressão,
De levar embora as mazelas das diferenças sociais,
De banhar de educação a sua juventude.
Aproveito as brasas da fogueira
e preparo no meu caldeirão de trabalho
uma sopa de afetos.
Quero água de cheiro pra dar esperanças aos fetos,
Pitadas de humanidade para acolher o ancião,
Letras de um alfabeto solidário encantando as crianças
E música fritando as barbas da criação.
Jovens vendo um futuro real fora da tela da televisão.
Quero fartar meus conterrâneos com o alimento do bem viver.
Depois da pança cheia de boas venturas
Rir da cara desmascarada do poder.
Fortalecidos no caráter, de certo enfrentaremos as muralhas
que rodeiam a cidade feito um cemitério.
Hei de ter paixão pela vida pra sobreviver no meu lugar,
vai-se a copa, a Olimpíada e os meus pés não serão turistas
no terreiro onde mandingo em fartura o direito de sobreviver.
Onde e não a onde
A esta vida dura e manipulada faço questão de alimentar.
Cozinharei dia e noite no meu canto,
Na beira do rio descalça, me dobrarei ao encanto do mar,
e do povo do meu Rio.

• *Valéria Barbosa é poeta,
Quebradeira da 3ª edição*

Olhares inversos

Denise Kosta

Periferia é o entorno
O delineio do Centro
Mas a palavra define
Quem está fora, quem está dentro?

Pois à esquerda de quem vai
À direita de quem vem
Zona Sul daqui pra lá
É periferia também

• *Denise Kosta é desenhista, Quebradeira da 2ª edição*

Cidade sem Flores

11

Rogéria Reis

Faz anos que não vejo uma joaninha
daquelas vermelhas com bolinhas pretas.
Quando criança brincava horas com uma dessas
que passeava pra lá e pra cá nas minhas mãos
até que decidida levantava voo.

E as borboletas? Não as vejo faz tempo...
Eram tão comuns as revoadas de borboletas...
Atualmente, só recorrendo às imagens.
Uma cidade representada só por imagens?
Belas e raras imagens de coisas extintas
garimpadas à unha?

Eram tão comuns as flores,
e minha avó cultivava uma variedade delas no quintal:
Rosas, beijos, girassóis, maravilhas,
copos de leite, antúrios, margaridas...
Muitas flores víamos espalhadas pelos campos.

Existiam ainda os campos
e neles: Amor perfeito
e outras flores tão belas
que nem sei dizer o nome,
mas que estavam lá, aos montes.
Hoje, só visitando uma floricultura,
um jardim botânico da vida, uma plantação
com fins comerciais,

Sonho uma cidade coberta de verde
e de flores, muitas flores...
Eis que olho em volta e o que vejo?
- Apenas lixo e concreto.
Na minha memória ainda preservo
um jardim repleto de flores, de verde.

Flores ainda colorem as praças do meu sonhos.
Trago uma floresta da Tijuca no peito.
Na urbe o colorido vem é da arte
e não mais da natureza.
São os jardineiros - os verdadeiros artistas.
Preciso de um que me ensine a cultivar flores.

Há cores acrílicas ou látex nas paredes de concreto,
nas telas do artista e não mais um quadro vivo.
As mudanças ocorridas na cidade
sufocam cada vez mais a natureza
e edifícios escondem a beleza
da Cidade Maravilhosa

Lá no céu, o azul; No mar, o verde;
O brilho do sol; As estrelas e a lua:
- Belezas que ainda resistem.
As águas de março que dadivosas
regam asfalto e morro
e alguns pássaros... bem poucos...

Maracanã lotado.
- Ó Deus, quanta gente!
Que a cada ser que nascesse,
brotasse junto uma flor,
uma planta, um verde.

Ah, e que no lugar de cada carro
surgisse uma planta também.
E teríamos uma cidade
ainda mais linda do que já é.

Madureira-Copacabana pelo preço do ônibus

Cristina Hare

“Copacabana virou Madureira, só que com praia”! Reclamou um amigo, dia desses, enquanto desviávamos dos camelôs na Barata Ribeiro. Naquele instante, achei que ele estivesse usando Madureira de forma pejorativa. Alto lá! Ninguém fala assim do lugar onde me criei e fica impune. Duas barracas depois, entre óculos Ray-Ban de quinta-categoria e bolsas Louis Vuitton quase legítimas, disparei: “Madureira é Copacabana, só que tem samba!”.

Ele não se manifestou. O que eu falei não teve nenhuma importância. Mas eu me senti vingada! Já me bastava o fato de ter passado grande parte da minha vida, explicando que o bairro onde morava, Engenheiro Leal, fica entre Madureira e Cascadura e não no fim do mundo, como todo mundo pensa. Não, não é na Baixada. Não é outro município!

Era lá que eu morava antes de mudar pra zona sul. Hoje, transito fácil, fácil, do churrasquinho na laje ao cocktail na cobertura! Subo a ladeira, pego o moto-táxi, salto do elevador no condomínio de luxo

com a mesma sensação de pertencimento. Estou como o carinha, no slackline entre dois coqueiros do Arpoador: balançando e me mantendo em pé entre os opostos. Tal e qual a linha férrea auxiliar, ligando Tomás Coelho e Cavalcanti: lisa e soberana.

Lá em casa me chamam “garota de Ipanema”, mas meus vizinhos daqui devem apontar pelas minhas costas “aquela suburbana” ou “gente de periferia”. Não me importo. Sou tudo isso, sou toda Rio de Janeiro. Madu e Copa, de van, pelo preço do ônibus! Cervejinha debaixo do viaduto e drinks de frsantes no Palace. Tanto faz! Passaporte carimbado. Tenho visto pra entrar em qualquer quebrada. Lá vou, por essa cidade maravilhosa, cuja receita foi jogada fora, não se faz outra igual.

O sinal abre e me despeço do meu amigo:

– A gente se encontra. Afinal de contas, essa cidade é um ovo, e eu sou carioca. Da gema!

• *Cristina Hare é cineasta, Quebradeira da 2ª edição.*

A Cidade é um Rim

14

Felipe Boaventura

“Meu filho, a cidade é um rim que te acompanha.”, disse meu pai sobre a cama. Olhava uma distância pela janela quando continuou: “Eu não sou daqui. Nem essa língua na qual criei você é a minha língua. Nesses últimos cinquenta anos vivi numa terra que não é a minha. Isso é uma coisa que você não pode esquecer, meu filho: a gente sempre sabe, de um jeito ou outro, a qual lugar pertencemos. É uma bússola cujo norte passa pelo coração. Algo que fica dentro, um sino a vibrar ao menor ruído de familiarização. Você constrói a vida em outro lugar, possui carro, uma mulher, tem emprego e quando lá no fundo você tenta aquecer algum pertencimento; o sino toca. Não, nada ali é seu. Nem você é dali. As coisas esmaecem, entende? Perdem sabor... acredite, não tenho do que reclamar daqui. Mas ‘aqui’ não é lá, não é, nem nunca será.

É por isso que essa cidade que a gente traz com a gente não pode ser esquecida. É nela onde tudo que fomos um dia fica guardado a habitar nossas lembranças. Porque ela é quando nos apaixonamos, as ruas que nos embalam. Ela é onde nossos passos nos ensinaram a andar sozinhos. Ela fala como usar o sotaque. Como ser pego por um ônibus. A amar um time de futebol, um parquinho, uma árvore de flores amarelas. Ela é quando nossa vida circula por suas veias e a memória como oxigênio mantém o coração funcionando. Essa é a cidade, meu filho! Mesmo quem que viveu em muitas cidades, traz uma dentro de si, aquela onde a palavra ‘felicidade’ foi mais vivida. Você é feliz,

meu filho? Porque é nessa cidade que trazemos com a gente, o lugar onde a palavra felicidade foi mais vivida. Você é novo, mas um dia vai ter certeza que diante da felicidade que como sol lança as outras coisas à sombra, todo resto ganha sentido menor.

É por isso que é preciso regar essa cidade que a gente traz com a gente, entende? Ela tem sua própria linguagem, território próprio, seus olhos. A cidade vê e por ela somos vistos. É essa cidade que reclama a cidade para si. É preciso regá-la. É preciso visitá-la. Porque é ela quem dará sentido quando buscar algo para comprovar se tudo valeu a pena. É ela quem filtra suas experiências e ajuda a dar sentido pra vida. Será essa cidade que virá à pele da retina. Pois ela é maestro, é artifice... lembre-se meu filho: a cidade é um rim que te acompanha. Um terceiro desse órgão vital a filtrar suas experiências de vida. Por ela passará seus julgamentos de valor, seu tamanho do mundo e das suas esperanças. A cidade é um rim que te acompanha. Você é feliz, meu filho?”

Ouvi com atenção suas palavras antes que fosse levado ao centro cirúrgico. Embora não percebesse muito o sentido que traziam, mantive-me em silêncio enquanto falava. Meu pai. Mas quando horas depois o médico veio dizer que o transplante não havia dado certo, pois seu corpo – a despeito de todos os esforços feitos – rejeitava o órgão novo, eu aquiesci. Ele nunca aceitaria a troca do rim.

• *Felipe Boaventura é escritor, Quebradeiro da 4ª edição.*

Fragmentos de gente

15

Tássia Di Carvalho

Uma vez ouvi o pastor Marcos Gregório pregar que o lugar mais feliz para o diabo era o cemitério, pois lá estavam às vitórias dele, lá estavam enterrados vários sonhos e desejos.

Andando pelo Jacarezinho, tenho quase certeza de que o pastor nunca andou da estação de trens do bairro até a Biblioteca Parque de Manguinhos, mas eu sim. E nesse trajeto de menos de 10 minutos, tenho vontade de chorar. Não porque eu conheça de fato alguém que esteja lá. Mas porque seja lugar de olhares esvaziados pelo vício nas drogas, sem vida ou alma como se estivessem quebrados - fragmentos de gente.

Seus olhares revivem apenas nos minutos em que o crack, a pequena estrela opaca alcança suas mãos. E os acalanta de qualquer dor, fome, frio, tira a noção de certo ou errado, apenas faz com que se sintam especiais por breves e efêmeros momentos. E após isso, volta o vazio, o fragmento, o nada. Essas pessoas andam por aquela região como zumbis, olhando para tudo e não vendo nada. E eu ando

como se não os visse e os evito porque tenho medo deles.

Fico entristecida ao pensar que difícil deve ser crescer em meio a tiroteio, bandidagem e a miséria da droga. Porque tanto os viciados como as outras pessoas são estilhaçados pela violência. Desde os convites sedutores do tráfico às crianças, como os que nunca mais voltam dessa vida para suas famílias. Quantos?

Mas como resistir se a sociedade faz para a Cracolândia Carioca o que eu faço para os viciados que atravessam meu caminho? Finge que não existem ou os evitam encarcerando-os em pseudos centros de tratamento. Enquanto o poder público vai às TVs dizer que a situação está sob controle, os usuários são isolados em pequenos lugares deixando o restante da cidade maquiada e "maravilhosa". Porém a dependência química não é uma infecção e Manguinhos, Jacarezinho, viaduto da Av Brasil e tantos outros não são quarentenas, muito menos cemitérios.

• *Tássia di Carvalho é jornalista, Quebradeira da 4ª edição.*

Dai-nos hoje

16

Vitor Acalanto

I

Visão restrita à largura de janelas. Pensamento limitado à altura de pés direitos.

Quem tem mais: o que possui ou o que é possuído?

II

Gente de rua: seres-urbanos ANFÍBIOS. Encontram fôlego alternando entre o caos e a miséria em meio ao festival de brilhos e cores que protagonizam o espetáculo feérico da noturna cidade. Mas há olhos incrustados na face suja e impressionada. Par de olhos sem apetite, saudosos de luz de estrela, adormecendo visões da terra natal — longínqua — de onde migraram quando olhos ainda eram grãos de ver, infantis demais para saber que nunca mais pousariam vistas por lá. Transumância maldita.

III

O choro corta feito NAVALHA.

Deus, como choram crianças com fome! Quem há de calá-las?

Ninhada. São sete esperneando as barrigas vazias numa das infinitas covas de esgoto da cidade.

Mamãe-rato já não dá conta e

rói fora um braço na tentativa de amenizar o sofrer dos filhotes famintos. O braço é disputado com severidade.

Papai-rato retorna à toca. Ros-to trincado:

— Nada.

Becos inspecionados. Lixeiras reviradas.

A competição acirrara com o pulular de ratos após a implementação das recentes políticas públicas tornou-se desesperadora com a proliferação da gente de rua, vulgo PRAGA.

— Eles estão por toda parte. Ardilosos, conseguem chegar aos restos antes de nós.

IV

Há gente vestindo trapo. Há gente comendo detrito. Há gente vendo essa gente... E fingindo que não.

O absurdo se sucede dia após dia.

Rebatismo: absurdo agora chama cotidiano.

Fim do incômodo.

SOLUÇÃO.

V

Há um frio que acomete os des-

providos como uma risada irônica, um bufar displicente de um anjo negro.

À noite, a gente de rua se encolhe, põe de lado suas divergências e aglomera baixo-marquise, corpo a corpo acoplados no suportar da brisa gélida.

Tufos grisalhos desenham caminhos desgrenhados cabeça a fora. É pouco trapo pra muito trapo.

A noite afaga seus filhos com mãos de UNHAS longas.

O leve toque nas costas, uma cutucada de Deus. Lá estava: o pão nosso daquele dia.

MILAGRE.

VI

Notícias de Fiodorico:

— Ele não resistiu.

O tio-rato perdera a disputa com uma gente de rua e acabou tendo a cabeça esmagada por uma lasca de cabo de vassoura.

Mamãe-rato, desbraçada desfalece. A ninhada chora o choro dos inconsoláveis.

É comum perder a cabeça em momentos de desespero.

Há, entretanto, quem encontre inspiração em momentos de dor imensa...

Etiqueta: SOMENTE EM CASO DE EMERGÊNCIA.

Havia no ninho um último pedaço de pão a salvo em uma lata sonogada entre velharias e desimportâncias.

VII

A atmosfera é podre. A rua tem um ranço que impregna de tal maneira que se podem sentir as articulações grudentas. O odor é o de uma cidade sobrevoada por urubus devoradores de napalm de intestinos desarranjados, esmeros DEFECANTES. Pulmões suplicam a misericórdia de serem incinerados.

Há quem mencione tempos melhores. Pretêritos perfeitos. Mas esses são apenas tempos de se mencionar. Ao fim do dia, o asfalto, os automóveis, as placas pendentes dos postes, as palavras de ordem, o lixo, a propaganda, os ônibus queimados, a polícia, os protestos, as soluções pro povo são apenas aquilo que são e a gente de rua escorre pela sarjeta, um atrás do rabo do outro.

VIII

Presença localizada.

Do bolso, papai-rato retira o pedaço de pão como quem saca uma arma.

URINA.

A bexiga esvaziada de toda a pestilência.

Atira o pão úmido sobre a vítima oculta num embrulhado de jornal. O pobre crédulo recolhe a oferenda e se alimenta. A alma em convulsão como a de quem recebe uma hóstia em pleno inferno. Do pão que o diabo amassou fizeram-se mil milhões de migalhas.

Em tempos de escassez, mais vale a astúcia que a valentia.

O ponto fraco de gente de rua é o DESALENTO.

Ao fim deste parágrafo o mendigo estará morto.

A ronqueira de sua respiração moribunda se prolongará pelas vielas como um espectro. Será ouvida a dois quarteirões dali. O ESTERTOR será confundido com alguma banalidade, para deleite de ignorantes intelectuais e preguiçosos defensores de direitos.

Papai-rato usou de esperteza.

O que ele consegue carregar dará para matar a fome de três dias. Ele está satisfeito.

Outros ratos OPORTUNISTAS se estapeiam pelas sobras. Não se contentam com pelancas.

Olhos de papai-rato piscam o brilho de estrelas na terra.

Em casa, aguardam-no a esperança materna e sua penca de sete esperancinhas...

— Essa noite é carne assada!

IX

Há muitos outros seres que habitam a cidade. Há o comerciante que está sempre apressado ao meio-dia, o executivo engravatado que jamais será promovido, a moça de bicicleta que faz questão de desfilhar seu sorriso falso — o verdadeiro ela guarda pra si —, a senhora inútil que distribui sementes aos pombos... É verdade, há muitos outros seres que habitam a cidade, mas são os ratos e a gente de rua seus fiéis protagonistas. Os demais são de uma insignificância que justifica desprezá-los.

Diga-me, por exemplo, que importância pode ter os velinhos na praça? Responda com sinceridade. Eles valem tanto quanto o banco onde descansam as nádegas cansadas de uma vida e a mesa encardida sobre a qual apoiam o jogo de xadrez. Será que alguma vez souberam? Será que ao menos desconfiaram?...

Em um tabuleiro, é preciso haver espaço vazio para onde se possam mexer as peças. Na cidade, é o vazio das pessoas que as permite continuar se mexendo.

Uma outra Cidade

19

Luciana Oliveira

Se eu falasse que no Rio de Janeiro há engarrafamentos quilométricos, roubo de colunas de viaduto (alô Perimetral!), alagamentos repetitivos de ruas e praças e que ainda por cima, comunidades são colocadas atrás de muros - como na Linha Vermelha - todos acreditariam? Se eu falasse que muito da violência que aí está vem da falta de uma educação básica de qualidade, saúde de qualidade, e que políticos corruptos prosperam na alienação do voto, todos acreditariam? Não sei.

Porque dizem que minha cidade é linda e cheia de graça, e que muitos que passam por ela se encantam. Se fosse apenas pela natureza eu poderia até concordar. O Rio de Janeiro possui Cristo Redentor, Vista Chinesa, Jardim Botânico, Forte de Copacabana, Pão de Açúcar, etc. Mas estas, além de qualquer um que assiste televisão conhecer, fazem dessa

cidade uma beleza “tipo exportação”. Quem mora aqui sabe que é mais complexo, o buraco é mais embaixo. Na verdade, minha cidade possui outras belezas.

A beleza da luta honesta e diária pelo pão de cada dia. Pela alegria ainda que com poucos recursos. A beleza das invenções de pipas, brincadeiras de pique pega. Do esforço de criar filho longe do crime. De lhes dar educação ainda que poucos recursos. Tanta coisa que só a dez anos deixou de ser caricatura na televisão.

Convido a você! Temos belezas que estão dentro das comunidades, nas nossas periferias, nos guetos. A beleza da coragem, da luta, da honestidade, da arte, da força de vontade de viver e de vencer. Visite! Conheça. Tenho certeza que seu olhar sobre a cidade vai melhorar.

• *Luciana Oliveira é professora, Quebradeira da 4ª edição.*

Popular e rodeado de terra, de mato, de morro, de mar e asfalto;

Popular e rodeado de gente, de olhos e luzes e flechas por todos os lados;

Popular e rodeado de vistas e rodas e vozes de diferentes partes da cidade;

Popular e rodeado de pontos que apontam para diferentes ângulos, tomadas e quebradas, visíveis e invisíveis da cidade.

Ponto que aponta para pontos que convergem e divergem entre margens e redes e fronteiras penetráveis na mesma cidade.

Sei que aqui bem do alto posso ver além e não dá prá fechar os olhos:

Vejo as formas tanto as organizadas quanto arranjadas que se entrelaçam em construção e desarranjos pela cidade;

Em cores ora arrojadas ora desbotadas; nas paredes, muros, casas, janelas, grades, vidraças, ruas, viadutos, vias e vielas; ora climatizadas a prova de balas, com câmeras sorriso de segurança; ora amontoadas, aquecidas e esquecidas, descascadas, desfalcadas; armadas e desarmadas; habitadas e desabitadas; entre luxos, lixos e remediações, médias ações estilhaçadas;

Vejo com espanto:

Os extremos em instantes e instantâneos entremeios de coisas,

objetos e gentes em movimento por diversas vias e veios e meios de acesso ou falta de acesso, misturados se vistos de longe, separados se observados de perto; vistas e vistos gentes e coisas edificantes e edificadas na cidade, por momentos de longe ou de perto parecem ora infiltradas ora pertencentes, usufruindo ou a serviço circulando pela cidade; que não é uma e sim muitas, dentro da dita, maravilhosa e cheia de (en)cantos e (desen)cantos mil.

Só não diga que me conhece.

Mesmo de braços abertos não sou nada maleável.

Não racho, não derreto, permaneço e só.

Só e de pé e calado.

Fui feito prá ser assim:

Eternizado e representante.

Minha função? Encantar, proteger, redimir, enfeitar a cidade.

O coração é de pedra e pronto.

Se mutilado sou remendado e refeito

Apareço e sou sempre iluminado.

Dizem que sou redentor,

Mas falando de mim e do que vejo de bom e ruim,

Do alto da minha cidade e de minha representatividade,

Sinto meu coração de pedra bater com a cidade.

• *Tereza Gil é artista, quebradeira da 4ª edição.*

Márcio Rufino

Engana-se quem acha que uma cidade se alimenta apenas de oferendas das encruzilhadas; dos cheiros de comida caseira que exalam dos lares humildes e pensões populares; das xepas das feiras-livres; das migalhas de pães e biscoitos jogados aos pombos nas praças; das guloseimas doces e salgadas expostas nas vitrines das lanchonetes. Uma cidade se alimenta disso tudo e muito mais.

Uma cidade também se alimenta de sua forma, de suas cores, de sua aparência, de seus próprios moradores. De seu céu, de seu chão, de suas ruas, de seus bairros, de suas praças, seus comércios. Se alimenta até mesmo dos meios de transporte que por ela passam.

Mas há o alimento mais importante para a cidade. Mais importante porque, conforme seu tempero, pode fortalecê-la, curá-la ou intoxicá-la, envenená-la, matá-la. Esse alimento é o sentimento coletivo de seus moradores. Olha que não estou falando de prefeituras, saneamento, saúde, limpeza. Apesar de também serem fatores fundamentais. Falo da sensação de pertencimento. Da ideia de doação. Da certeza ou não de não apenas estar, mas ser a cidade.

Por isso está aqui minha receita: acorde de manhã cedo e embarque em sua bicicleta. Vá fazer seu desjejum na padaria, ou melhor, compre seu café – seu pingado ou suco com pão e manteiga, queijo ou mortadela e vá comer na praça. Olhe para os transeuntes e transportes que passam. Não julgue, não pré-conceba. Depois passe na lan house, na farmácia ou no boteco; converse com o comerciante sobre o tempo. Fale o que pensa do prefeito, vizinha, padre, pastor, do pai de santo...

Converse sobre o filme que vai passar logo mais e que você já viu na gatonet; e sobre o capítulo da novela de ontem. Converse com o adolescente que você viu nascer e cuja voz está com a imprecisão do início da puberdade. Na hora do almoço vá à pensão mais humilde e peça o prato mais baratinho acompanhado de um guaravita.

Depois volte para a praça e tire um cochilo. Quando tempo virar não recua. Não busque uma marquise para se proteger da chuva; e quando ela cair deixe-a molhar sua cabeça, seu rosto, sua roupa. Quando a noite cair e a chuva passar, observe o engarrafamento da hora do rush. Observe o grupo de teatro se apresentar em alguma praça. Não esqueça de observar também os mendigos e crackudos e se pensar com indignação que a polícia podia matar todos, se arrependa ao se lembrar que também são seres quase humanos como você.

Vá jantar uma coxinha, um hambúrguer ou um cachorro-quento com refrigerante e vá para a casa. Fique no portão e espere a madrugada chegar. E quando toda a cidade estiver dormindo, você vê despontar na esquina da rua como um flash, aquela pessoa que mora no outro quarteirão da rua e que você sempre desejou. Puxe conversa e dê uma chance. Nunca se sabe quando pode surgir um novo amor.

E quando finalmente o dia terminar, você nota que foi a vida tal como uma colher que mexeu, remexeu, virou e revirou o caldeirão de comida da cidade. E que a própria cidade é a panela cosmopolita e universal que nos cozinha, nos ferve. Ora em fogo alto, ora em banho-maria para depois nos devorar e imediatamente nos regurgitar por inteiro.

• *Márcio Rufino é poeta, Quebradeiro da 4ª edição.*

FALA QUEBRADAS!

Número Zero

Rio de Janeiro, Abril de 2014.

Ficha técnica desta edição:

Idealização e edição geral

Felipe Boaventura

Equipe de Edição Prosa

Ângelo Melo

Juliana Barreto

Rute Casoy

Equipe de Edição Poesia

Janaina Tavares

Orlando Rangel

Rogéria Reis

Diagramação

Egeu Laus

Impressão

Fabio Pedroza

Apoio

Universidade das Quebradas

Museu de Arte do Rio (MAR)

Casa Porto